

Crítica Literária

por João Gaspar Simões

[Diário Popular, 17.09.52, 5].

«HEINRICH VON KLEIST, POETA TRÁGICO», por Manuela de Sousa Marques, Lisboa, 1951.

«LEMBRANÇA, DIÁLOGO ANTIGO – ALFREDO BROCHADO», Lisboa, 1952.

Diz Menéndez Pidal: a «*lirica no es flor de los tiempos heroicos, sino de las edades cultas y reflexivas*». Que os tempos heroicos favorecem a epopeia, não há dúvida. Aí está a Espanha a comprová-lo. Mas que o lirismo seja, de facto, flor das «idades cultas e reflexivas», não sei dizê-lo. Era *culta* e *reflexiva* a idade que viu nascer o lirismo português? Inclino-me a pensar de outra maneira. Espero, contudo, que a minha doutrina não seja interpretada à flor das águas. Porque é que a lírica espanhola tarda quase dois séculos em relação à galaico-portuguesa? Porque é que as primeiras composições líricas dos poetas castelhanos são escritas em galego? Porque é que, em verdade, o lirismo espanhol não atingiu a altura do lirismo português? Questão de língua, dirão os filólogos. A língua galaico-portuguesa é uma língua lírica; a língua castelhana uma língua épica – e dramática. Na verdade, os filólogos têm razão. Mas bom é ter em mente que o fenómeno linguístico não vale por si mesmo. As línguas não se recebem miraculosamente, como no Pentecostes. Se Deus infundiu no espírito dos apóstolos o registo prodigioso mercê do qual eles poderiam falar as línguas que quisessem, os povos esses só penosamente, laboriosamente, morosamente acabam por dominar a língua que o meio, o temperamento, a história, a religião lhes ensinam a falar. Se o português é lírico e o espanhol épico-dramático, às suas línguas o devem, com efeito, mas apenas porque a poesia é antes de mais nada forma, verbo. Para lá da forma, do verbo, porém, para lá da língua, portanto, está o homem que foi levado a criar o idioma de que os poetas se utilizam. Porque é que os portugueses são líricos? Porque a cultura e a reflexão são apanágio nosso? Não. Nem ontem nem hoje: a cultura do povo que ensinou aos nossos jograis e trovadores a lição do seu lirismo era menos que média – era ínfima. E quanto à reflexão – temos conversado. O espírito lírico não é reflexivo: quando muito, é meditativo, concentrado. A época que assistiu ao nascimento do lirismo galaico-português era tão pouco culta e tão pouco reflexiva como a que viu nascer a épica espanhola. O povo que habitava o recanto Noroeste da península é que era diferente. Em vez de aguerrido, era pacífico; em lugar de exuberante, era taciturno. Forte nos afetos, absoluto no amor, reprimido e tímido, manso e suave, constante sem obstinação, mais paciente que irrequieto, mais dócil que revoltado, infinitamente mais amoroso de ontem que desejoso de amanhã. Eis como se desenham os caracteres que deram consistência lírica ao nosso génio e fizeram da

nossa poesia uma meditação inconsciente, passe o paradoxo, sobre tudo quanto predispõe a alma para as grandes mágoas e para as grandes tristezas.

Veja-se, por exemplo, como são diferentes estes dois poetas, predestinados ambos para o mesmo trágico desfecho: o alemão Heinrich von Kleist, sobre o qual Manuela de Sousa Marques escreveu um esclarecedor ensaio – *Heinrich von Kleist, poeta trágico* – e o português Alfredo Brochado, acerca do qual alguém que muito lhe quis acaba de publicar uma *Lembrança*, cujas páginas recolhem velhos escritos e avivam uma saudade. «Poeta trágico» – Kleist, o seu fim foi o suicídio, mas o seu suicídio tem uma razão francamente filosófica. O malogro da Razão em face da ordem não racional do Mundo – levou-o a procurar a morte, com uma amiga de infortúnio, aos 35 anos de idade. «Poeta lírico», Alfredo Brochado, um pouco mais velho, mas não muito, sem que a sua obra nem que a sua vida denunciem sombra de tragédia, escolhe um fim idêntico, *amando a vida em todas as suas manifestações*, «alegre como uma criança, sempre forte, como um homem forte!», segundo o testemunho da sua noiva. Explica-se a morte de Kleist – toda a sua obra está inscrita num pedestal de tragédia. A morte de Alfredo Brochado parece não ter sentido. «Melancólico, delicado e, sobretudo, um Poeta, sim», – eis como procura justificar a tristeza do autor do *Bosque Sagrado* a piedosa compiladora desta *Lembrança*. Tudo se explica pela «poesia» – quando no nosso País um homem decide interromper, voluntariamente, a cadeia de contradições, o ciclo de absurdos que é a vida. E, realmente, se olharmos para trás e passarmos em revista a galeria dos poetas que entre nós tiveram o mesmo destino de Kleist ou de Brochado, com raras exceções, à exceção de Antero talvez, todos os demais acabaram, porquê? Porque eram «poetas».

Aqui temos como a condição de «poeta» explica entre nós o que alhures se esclarece de outra maneira. Podem enumerar-se as situações através das quais o célebre escritor alemão caminhou para o seu fim trágico. São objetivas, palpáveis, coerentes, lógicas. Uma decepção inexorável. «Subordinar a vida à lógica é sempre para o homem trágico ou cómico», assim se exprime a autora do ensaio sobre Heinrich von Kleist. «Kleist, criador de destinos trágicos em forma dramática ou novelística, foi ele próprio o herói trágico da sua existência e o trágico expoente da incomensurabilidade entre a existência e a razão». Mas que tragédia, que decepções presidiram à vida de Alfredo Brochado? Segundo esta *Lembrança* – nenhuma tragédia, nenhuma decepção no seu destino. Apenas na sua poesia alguns versos tristes, algumas imagens sombrias, nada mais que «expressões literárias e falsas», na opinião de quem assina a saudosa *Lembrança*. E aqui começa o trabalho insidioso da poesia. O poeta português não tem, por assim dizer, história. A sua vida são os versos. Esse fundo lírico implacável que faz de cada um de nós um poeta latente – não permite que superemos a nossa própria condição. Que remédio para quem é triste? Que consolo para quem é desesperado? Não há remédio, não há consolação – a não ser na própria poesia. Enquanto um Kleist procura a Verdade, e abraça a Razão, sacrificando a esta e àquela a carreira militar, que abandona, o funcionalismo, que lhe não serve, a noiva, que o renega, a

obra que insatisfatoriamente refaz, o teatro, que a censura proíbe, passos de uma vida que concretamente o frustraram, que acontece a um Alfredo Brochado? Concentra na poesia a meditação interior das suas frustrações imaginárias. São assim os líricos: *vivem* no plano em que os escritores épicos e dramáticos procuram superar-se a si próprios. Daí muitos deles serem alegres na vida e tristes na obra. Não é nesta que está a verdade da sua existência, mas naquela. Uma inversão suscetível de conduzir aos mais funestos resultados rege a vida de grande número dos nossos líricos. Tal poeta que toda a gente considera o mais venturoso dos mortais – aparece, certa manhã, inerte com um frasco de veneno a seu lado. Subitamente, a poesia toma conta da realidade. Incapazes de continuar a viver na irrespirável atmosfera que criaram na sua obra – um José Duro, um Mário de Sá-Carneiro, um Alfredo Brochado evadem-se na morte, coerentes com o mito poético que geraram.

Não pode deixar de ser: o extremo subjetivismo da nossa poesia – lirismo é antes subjetividade que reflexão ou cultura, e a subjetividade, sinal distintivo do lirismo, o primeiro estágio de elevação do primitivo à vida do espírito – é como um cilício da nossa alma concentrada e taciturna. Antes de ser vítima da decepção que o matou, Kleist superou-se nas suas personagens trágicas. Não poucas vezes o *transfer* é libertador. Só quando a superação falha – a tragédia se volta contra o poeta, como o feitiço contra o feiticeiro. Pobre do lírico português que se não desdobra nem supera, vivendo como uma personagem que nem sequer é aquela em que se exprime o que é nele mais verdadeiro! O lírico só respira a plenos pulmões quando intoxicado. É na câmara de gás dos seus versos, envenenando-se, a pouco e pouco, que ele se identifica consigo mesmo. Daí que os nossos poetas se recusem a admitir que a sua biografia possa escrever-se com elementos que não sejam os que estão nos seus versos. E há quem lhes faça a vontade! Pois não foi o que fizeram a Camões, José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira, ordenando a sua lírica segundo um plano biográfico extraído dos seus próprios sonetos e das suas próprias canções?

Os anos vão decorrer sobre o desaparecimento de Alfredo Brochado. A sua alma de poeta, tão sensível, tão afetuosa, essa alma de que nos fala a sua noiva, noiva durante dezasseis anos, como só uma noiva ideal, a «Purinha» do Nobre, saberia falar, talvez não seja a alma que está nos seus versos, uma vez que a alma do poeta é triste e a alma do homem era alegre. No entanto, decorridos os anos, perdida a «lembrança» e a «saudade» daquela que o esperou tanto tempo, daquela que ainda o espera – «agora, ontem mesmo, é o teu nome que eu digo em voz alta, como uma oração» – do poeta e do homem desaparecidos só os versos ficarão. É através deles que o futuro saberá ter existido um homem que amou, que sofreu, que sonhou, que teve paixões. Esta a tragédia do lírico: desde que os seus versos não comportam, com originalidade e altura, as confidências da sua alma, poeta e homem, alma e poesia extinguem-se sem rasto. É dura a condição do poeta lírico – por mais formosa que tenha sido a sua alma, dele nada restará desde que não tenha sabido transmitir aos seus versos os traços em que ela se lhe

revelou. Dispensa-se o autor trágico ou dramático desta ação direta de sobrevivência. A sua obra vive da vida das suas criações: dos seus heróis, das suas personagens. *O Príncipe de Homburg*, uma das obras-primas de Kleist, ainda o ano passado galvanizou a plateia francesa. Que há de comum entre o drama do filho do Eleitor da Prússia, o príncipe de Homburg, e a tragédia que levou Kleist ao suicídio? Além do signo de frustração sob o qual viveram o príncipe e o dramaturgo, nada! A frustração da vida de um lírico é um caso individual. Não se tingem das cores da tragédia. Estas só aparecem quando «no triste e aniquilante caso individual se descobre o trágico signo da humanidade», como escreve a autora do ensaio sobre o poeta alemão. A subjetividade do lirismo enquadra as «tragédias» pessoais como a de Alfredo Brochado numa moldura de medalhão para o peito daqueles que mais o amaram. E o mais triste, o mais doloroso de um caso assim, o caso do autor do *Bosque Sagrado*, está nisso mesmo: que as confidências de um poeta, seja qual for a intensidade do seu drama, só comoverão a alma de estranhos na medida em que ele se liberta, pela arte, das limitações do humano. Terá a obra de Alfredo Brochado atingido essa libertação? A resposta só o futuro a dará.

JOÃO GASPAR SIMÕES